

da, a nível sociológico, uma crescente devoção a N. S: Aparecida, sobretudo a nível familiar. Em termos de santuários, é pouco significativa a devoção, salvo a de Azambuja, cuja festa vem crescendo anualmente, a ponto de ser caracterizada como a maior festa religiosa do Estado.

Seria longo enumerar aqui as múltiplas devoções a Maria em SC, com todas as suas expressões artísticas e populares,

Seria longo enumerar aqui as múltiplas devoções a Maria em SC, com todas as suas expressões artísticas e populares, leigas e "oficiais", nas capelas, igrejas, comunidades e lares, através de terços, novenas, altarcinhos, estatuetas, escapulários e promessas.

4. Outro jeito de amar Maria

Como todo o mundo, a Igreja também está marcada por influências culturoológicas, econômicas e políticas. No caso eclesial é preciso ser ingênuo para não perceber que também posturas religiosas dependem de pessoas, lugares e dos tempos. As evoluções são todas históricas e historicizadas, e no caso não se sobrepõem as epocalidades. A devoção mariana também incorre neste processo. As verdades mariológicas permanecem todas; todavia a ênfase que lhes são devidas hoje as tornam pastoralmente mais relativas. Assim hoje ninguém mais discute se ela é Mãe de Deus ou Mãe de Cristo (discussão muito importante no Concílio de Éfeso, em 431). Apesar da importância de seu papel na história da salvação, nós a queremos como Mãe e Companheira de nossa libertação, até a libertação definitiva (salvação). "Ela é das nossas"! Deveremos ter o direito de proclamar: sendo do céu, ela é da terra também.

Como ela somos seguidores de Jesus. E como ela, vemos nossos irmãos sendo crucificados pelo baixo salário, pelo desemprego e subemprego frequentes, pela escolarização alienante, pelo clientelismo político ou social. Com ela, vemos os pobres aumentarem quase impacientes ao redor de seu Filho, pedindo o pão para sua fome, e cura de seus males e a palavra-gesto que os liberta e salva. Com ela, vamos suplicar que o Senhor tenha pena desse povo. Mas com ela seremos ativos, para que não falte o vinho para a festa, pois a nós compete providenciá-lo; que não falte quem assuma a presença de Deus entre os homens, pois a nós cabe dizer o "sim"; que não falte em nós a fidelidade ao Senhor, pois a nós cabe ser "servos do Senhor". Com ela dar-nos-emos à oração. É preciso reconhecer que, em meio a todos os males, ainda há espaço para as maravilhas que Deus faz por nós e nos cabe agradecer-lhe, pois a bondade de Deus perdura para sempre, mesmo que ainda isto não aconteça com a nossa. Com ela é preciso acreditar que Deus quer exaltar os humilhados e cobrir de bênçãos os famintos, derrubando poderosos de seus tronos e despedindo ricos de mãos vazias. Com ela é preciso procurar os filhos extraviados, mesmo que não estejam ocupados com as coisas do Pai e/ou recebê-los moribundos nos braços, esperando que revivam ou ao menos crendo que eles ressuscitarão. Por tudo isso, é preciso, com ela, estar com as "Isabéis" da vida, nos lugares sem hospedagem, nas esquinas e ruas onde os filhos podem parecer loucos e nos cenáculos onde se insiste na nova presença de Deus, ou ainda nos templos apresentando a oferta purificatória dos pobres; mas sobretudo na expectativa da grande libertação, como ela nos ensinou em seu Magnificat.

A renovação marial não está atingindo toda a nossa gente. Uma criatividade nova nos desafia! É preciso que a renovação da espiritualidade prática atinja a todos num novo processo evan-

gelizador. E aí Maria será encontrada em seu lugar dentro da nossa fé comunitária, assim como na renovação eclesial que em certos níveis vem ocorrendo de verdade.

Enquanto isso, cristãos pobres que estão entrando, de verdade, em nossas Igrejas-vivas cheias de alegria/esperança, de dores/redenção, de amores/utopia, precisam encontrar sempre Maria, "a bem-aventurada porque acreditou", a "Mãe de Deus e Mãe nossa", e por isso é preciso abrir confiantemente espaço para eles se identificarem com "Maria do Caminho", a mulher forte que inspira a certeza da presença de Deus.

A piedade popular catarina vai se escrevendo nova porque Maria vai sendo humanizada outra vez, mesmo sem deixar de ser a "eleita do Senhor". Nas romarias, nas procissões, nos slogans de caminhadas, nos Grupos de Reflexão ou de Família, nas CEBs, ela tem tido seu lugar seguro. Na ambigüidade do silêncio/profecia, do anúncio/denúncia, Maria é presença catalizadora de nossos anseios na defesa dos pobres, dos pequenos. São nossos índios (hoje tão apoucados, menos de 4.500), nossos caboclos (no oeste catarinense chegam a ser 24% da população; em algumas paróquias da serra eles são 80%), nossos operários e desempregados, nossas mulheres, nossos agricultores sem-terra, nossos pescadores sem-mar, que continuam a tê-la com orgulho maior, por começarem a perceber que, se Maria é do Céu, ela também é da terra; ela é Maria em que se confia e que está no meio de sua gente para assegurar-lhe que Deus está olhando a humilhação desta gente. E certamente esta piedade popular nova na cidade e no campo catarinenses vai desafiar as outras piedades que se voltam para o céu. E finalmente nossa gente formando essa Igreja, povo de Deus, vai poder saudá-la com carinho novo: "Ave Maria de Deus, Companheira de jornada"!

Endereço do Autor:
Faculdade de Teologia N. S: da Assunção
Av. Nazaré, 993 — Ipiranga
04263 — São Paulo — SP

MARIA, MÃE DA LIBERTAÇÃO

Pe. Agenor Brighenti
Professor de Moral Social

Qualquer pessoa, religiosa ou a-religiosa, que fizer uma viagem pelos países da América Latina, perceberá obrigatoriamente que uma das características mais peculiares da Igreja latino-americana é a devoção a Maria. A piedade mariana pertence à identidade própria destes povos. Em cada país encontramos um ou mais santuários ou basílicas a ela dedicados, venerada sob diversos títulos. No México é Guadalupe; na Colômbia, Chiquinquirá; na Venezuela, Coromoto; no Equador, El Quinche; no Peru, Cocharcas; na Bolívia, Copacabana; no Chile, Andacollo; na Argentina, Luján; no Paraguai, Caacupé; no Brasil, Aparecida; etc.

A piedade mariana é tão intensa na prática do catolicismo latino-americano que um dos problemas com relação à mariologia popular é o da denominada "mariolatria". Muitos se perguntam até que ponto Maria não aparece ao povo superior a Jesus Cristo ou como uma deusa feminina ao lado de Deus?

Porém, quem conhece a vida de fé de nosso povo sabe que não existe qualquer heresia com relação à piedade mariana. Claro, como em outros aspectos, essa devoção precisa de uma profunda evangelização⁽¹⁾, que faça com que essa piedade se esclareça, supere individualismos estreitos e se vincule mais ao mistério da salvação na história. Não pode ser genuína a devoção a Maria que se limite à busca de favores egoístas ou que se dispense

de um compromisso com os irmãos na fé. O Concílio Vaticano II vincula a devoção a Maria com a Igreja. Para entender Maria é preciso compreendê-la como primícias da Igreja, como sua figura excelsa, como seu arquétipo ideal. A partir daí, até pode-se ver a Igreja como o prolongamento de Maria.

1. De Maria "conquistadora" a Maria Libertadora

Maria chega à América Latina trazida pelos descobridores e conquistadores portugueses e espanhóis. Incontestavelmente, os conquistadores todos eram homens de arraigada fé e fervorosos devotos da Virgem Maria. Mas qual era a Maria da fé dos conquistadores? E como ela aparecia ante os olhos dos indígenas?

1.1. Configuração de Maria como "conquistadora"

Conhecida é a devoção de Cristóvão Colombo a Maria. Em seu estandarte estavam impressas as imagens de Jesus e de Maria. Batizou a segunda ilha descoberta com o nome de Concepción e em sua segunda viagem a Santo Domingo ergueu a primeira Igreja da América, consagrando-a a Jesus Cristo e a sua Mãe Santíssima.

O mesmo se conta de Hernán Cortez. O conquistador levava sobre seu peito uma corrente de ouro com a imagem de Nossa Senhora. Rezava o ofício das Horas todas as manhãs, ouvia missa e tinha como sua advogada a Virgem Maria.

missionários e conquistadores traziam a Virgem às terras da América com as características da teologia da Contra-Reforma,

Assim, missionários e conquistadores traziam a Virgem às terras da América com as características da teologia da Contra-Reforma, envolta na original religiosidade popular luso-hispânica e expressa em imagens e devoções de marcado cunho ocidental. Para chegar às novas terras, Maria adquire imediatamente uma nova e original configuração, a mais ambígua, "a conquistadora".⁽²⁾

1.2. Configuração de Maria como Libertadora

A devoção a Maria foi se desenvolvendo amplamente durante os séculos da colônia, porém com uma progressiva matização latino-americana, tanto para os crioulos, como para os mestiços e indígenas. Aos poucos foi-se desenvolvendo a consciência e a fé em Maria como Mãe da América Latina.

Esta consciência se faz plena nos rudes e difíceis anos de independência política das grandes metrópoles e ao surgir das novas nacionalidades. Vejamos alguns exemplos ilustrativos.

O General Belgrano, depois da batalha de Tucumán, como gratidão à Virgem das Mercês, nomeia-a como general do exército. O General San Martín, antes de empreender a passagem dos Andes, determinou eleger como general de seu exército a Virgem Maria do Carmo, do convento dos franciscanos de Mendoza. Na independência do México é amplamente conhecida a figura do padre Hidalgo com os primeiros insurgentes, marchando ao santuário de Antotônio e tomando da sacristia um lenço com a imagem de Nossa Senhora de Guadalupe colocá-lo na haste da lança e levá-lo como bandeira na frente de seu exército. Bolívar, em várias ocasiões, rende honras à Virgem. Quantas e quantas vezes chegava a Chiquinquirá e um de seus primeiros atos era prostrar-se diante da imagem de Nossa Senhora. Os patriotas de Quito, antes de lançarem o primeiro grito de rebelião, quiseram pôr sua luta sob a proteção de Maria. Reunidos nos

ITESC

ENTIDADE MANTENEDORA:
FUNDAÇÃO DOM JAIME DE BARROS CÂMARA

DIRETORIA

Prof. Daniel E. Ramada Piendibene
Pe. Dr. Vitor Galdino Feller
Pe. Ney Brasil Pereira

PROFESSORES — 1988

Pe. Adilson Colombi SCJ (2º sem.)
Pe. Agenor Brighenti (1º sem.)
Prof. Daniel E. Ramada Piendibene
Pe. Evaristo Debiasi
Pe. Francisco de Assis Wloch (2º sem.)
Pe. Henrique Ernesto Cervi
Pe. Kuno Paulo Rohden (2º sem.)
Pe. Jaci Rocha Gonçalves (2º sem.)
Pe. Manoel João Francisco
Prof. Martha R. S. B. de Ramada
Pe. Ney Brasil Pereira
Pe. Nivaldo Alves SCJ (2º sem.)
Pe. Orlando Brandes
Pe. Siro Manoel de Oliveira
Pe. Dr. Valter Maurício Goedert
Pe. Dr. Vitor Galdino Feller

ALUNOS — 1988

1º ano: 23
2º ano: 29
3º ano: 30
4º ano: 24
total: 106

TOTAL DE ALUNOS MATRICULADOS 1973-1988

Curso de graduação: 490

leigos: 17
religiosas: 26
irmãos religiosos: 24
semin. religiosos: 60
semin. paranaenses: 47
semin. outras dioceses: 32
subtotal: 206
semin. catarinenses:
Florianópolis: 71
Tubarão: 70
Joinville: 34
Lages: 31
Chapecó: 25
Caçador: 25
Rio do Sul: 18
Joaçaba: 10
subtotal: 284

Alunos ordenados presbíteros: 166
(até junho de 1988)

Cursos de Teologia para Leigos

Total de matriculados no CIT e CAT: 608
(este ano, 61)
Matriculados no CFT: 78
Matriculados no CTB: 89

salões de Manuel Cañizares, ajoelharam-se todos e rezaram uma Salve Rainha à Virgem das Mercês, a fim de que se dignasse conceder-lhes o triunfo.

Parece muito estranho, mas foi justamente desta maneira que durante os anos de independência nasceu a fé em Maria como Mãe Libertadora. Sem dúvida, esse é um ponto de referência obrigatório para compreender a mariologia popular latino-americana.

Nos anos que se seguiram, o acontecimento extraordinário que se verificou na América Latina, em seu processo de evangelização, foi a transformação da Maria "conquistadora" para Maria "nossa mãe", acolhida e vivenciada afetivamente pelos derrotados, pelos vencidos, pelos oprimidos, já que os resultados dos triunfos luso-hispânicos não originaram uma igualdade jurídica e real entre todos. Antes deram origem a uma complexa estratificação social, cujos extremos eram os centros metropolitanos e as comunidades ameríndias com o explorado setor dos escravos afro-americanos. ⁽³⁾

2. Maria, modelo de libertação dos oprimidos

Nos últimos anos e de forma cada vez mais extensa está se articulando esse tipo de piedade, fortemente fundamentada sobre o seguimento de Maria. Nas CEBs e nos serviços de Pastoral Social, onde a dimensão política da fé é mais vivida, explicitam-se de modo especial os traços denunciadores, anunciadores, proféticos e libertadores de Maria. Está ficando cada vez mais para trás a imagem da virgem e mãe meiga, doce, piedosa, humilde, totalmente voltada para Jesus e a sagrada família. Aprofunda-se o conteúdo crítico e libertador manifestamente presente no Magnificat. Maria como profetisa, mulher corajosa e forte, comprometida com a libertação messiânica das injustiças histórico-sociais dos pobres é a imagem gravada no coração de nosso povo sofrido e oprimido. ⁽⁴⁾

2.1. A dimensão libertadora do Magnificat

A imagem de Maria profetisa e libertadora emerge da leitura teológica feita a partir de nossa situação de opressão.

A imagem de Maria profetisa e libertadora emerge da leitura teológica feita a partir de nossa situação de opressão. Essa situação apresenta-se como um lugar hermenêutico privilegiado para lermos o Magnificat de Maria e fazermos-nos ouvintes de sua mensagem.

a) contexto histórico-espiritual do Magnificat

O hino da Virgem encontra-se na mesma atmosfera e é cantado no mesmo espírito em que se encontra a mensagem libertadora do Messias. É um prelúdio do anúncio do Reino de Deus, cerne da proclamação de seu filho Jesus e coração das expectativas do antigo Testamento. O Messias virá e instaurará o Reinado de Deus. Nesta nova ordem sorrirá a justiça do empobrecido, florescerá o direito do esmagado e vigorará a paz definitiva de toda a criação.

O Deus deste Reino é fundamentalmente santo. Santo significa aquele que está para além de tudo quanto pudermos pensar e imaginar. É o totalmente outro, diante do qual, como Moisés, na aparição da sarça ardente (Ex 3,5), caímos de joelhos, tiramos as sandálias e nos aproximamos com sumo respeito.

Este Deus santo é também misericordioso. Não fica indiferente ao drama humano. Ouve e clamor do esmagado. Possui um coração sensível aos míseros. Toma partido pelos pobres. Faz sua a causa deles.

Portanto, o contexto histórico-espiritual do Magnificat é aquele do Messias em sua atuação primordial, que é de transformar a velha ordem, onde a prepotência e a auto-affirmação do homem ganham partida, em nova ordem, na qual triunfa a justiça para os ofendidos.

b) O potencial libertador do Magnificat

O pano de fundo do Magnificat constitui a tragicidade deste mundo que, em sua ordem, contradiz o projeto de Deus sobre a sociedade. Mas Deus resolveu mediante o seu Messias intervir e inaugurar o novo relacionamento com todas as pessoas. Todo Israel, a humanidade inteira suspirava por este momento salvador. Maria compreende: irrompeu agora, em seu ventre, o princípio de toda libertação. É como Jesus quando se dá conta: "O prazo da espera expirou. O Reino se aproxima" (Mc 1, 14-15). E percorre, cheio de entusiasmo, os caminhos da Galiléia. ⁽⁵⁾

Maria se enche de júbilo e entoia seu hino de louvor e de alegria. Sua alegria não é vazia. Tem motivos de exaltação messiânica. É que Deus se mostrou salvador (Lc 1,47); olhou para a humilhação ⁽⁶⁾ de sua serva (v.48). O que se fez com ela é protótipo do que irá acontecer com todos. Como Ana representava todo Israel, Maria representa não só Israel, mas toda a humanidade. Por isso pode cantar: "de hoje em diante todas as gerações me chamarão bem-aventurada" (v.48b).

Deus é santo, o totalmente outro que habita numa luz inacessível (v.49). Mas não vive numa soberana distância dos gritos de seus filhos. Por isso a Virgem constata sua misericórdia que se estende de geração em geração (v.50). Ele saiu de suas trevas, entra no conflito, assume a causa dos vencidos e dos marginalizados contra os poderosos.

A misericórdia de Deus não se reserva apenas para o final dos tempos. Ela assume formas históricas e se concretiza em gestos transformadores. Os orgulhosos, os detentores do poder e os ricos não possuem a última palavra como sempre pretendem. Sobre eles já se manifesta historicamente a justiça divina. Serão derrubados do poder. Serão desmascarados em seu orgulho e despedidos de mão abanando (v.51-53). Deus prometeu a certeza deste novo mundo aos nossos pais. Agora tudo começa a se cumprir (v.55).

A forma deste cumprimento é radical: derrubou do trono os poderosos e elevou os humildes; encheu de bens os famintos e despediu os ricos de mãos vazias (v.52-53).

O Deus bíblico não é um ídolo que enfeita os templos ou santuários de nossas casas. É um Deus vivo, cujo nome verdadeiro se chama Justiça e Misericórdia para os que injustamente são oprimidos. É um Deus que toma o partido do Lázaro da parábola (Lc 16,19-31), que chama de bem-aventurados os pobres, os que têm fome e sede de justiça, os perseguidos, os amaldiçoados, e lamenta com terríveis "ai de vós" os ricos, os fartos, os bajuladores (Lc 6,20-26).

Que Deus é esse que toma partido? Não disse Jesus: Deus faz nascer o sol sobre bons e maus e faz chover sobre justos e injustos? (Mt 5,45). Ele não ama os ingratos e maus? (Lc 6,35). Não é um Deus sem discriminações? Sim, Deus ama a todos e os envolve em seu gesto misericordioso, porque todos são seus filhos. Entretanto, há filhos que são dóceis ou rebeldes, bons e maus. Num mundo assim contraditório e desumanizado, onde há inegavelmente oprimidos e opressores, a forma de amor de Deus é diferente. Jesus não trata da mesma maneira os pobres, os doentes, os fariseus, os publicanos e Herodes. Aos pobres, chama de bem-aventurados; aos fariseus, de sepulcros caiados; a Herodes, de raposa; aos publicanos faz-lhes ver, como a Zaqueu, a iniquidade de sua riqueza, acumulada pelo roubo, mas os acolhe com misericórdia. Portanto, a libertação que quer para todos encontra caminhos diferentes, por causa das diferentes formas de opressão. ⁽⁷⁾

A libertação de Deus passa pelo caminho da conversão. Sem

ela o mundo continuaria em sua iniquidade e em suas divisões. Esta libertação se realiza em modalidades diferentes de acordo com as diferentes situações, mas ela aponta para um mesmo fim: fazer de todos os homens filhos de Deus, irmãos entre si, senhores livres frente aos bens deste mundo e membros do Reino de Deus. Não se invertem as relações por espírito revanchista, os dominados fazendo-se dominadores e os empobrecidos tornando-se opressores. Mas todos serão irmãos uns dos outros, morando na mesma casa do Pai.

2.2. Maria, mãe da libertação

A Igreja latino-americana se espelha em Maria pobre e vê nela a imagem de inumeráveis povos mergulhados na pobreza material, muitas vezes inumana. E entretanto, a exemplo de Maria, tem sido esses povos os defensores de nossa cultura popular e religiosa que lhes tem conferido, ainda que no meio da miséria, sentimentos de dignidade, de solidariedade e de fraterna colaboração. Em meio a seus problemas e carências, eles conservam a fé e a confiança no Senhor. A imitação da virgindade de Maria, carecem de força política e econômica para sua libertação. E por isso põem sua esperança no Senhor. Não se deixam seduzir nem por promessas enganosas que lhes asseguram que seu poder é superior e levará necessariamente à vitória, nem pelo fatalismo resignado diante de sua sorte desgraçada. A verdadeira confiança em Deus é, como em Maria, luz na vida e força dinamizadora para toda ação. Na igreja de nossos povos vive-se a pobreza com sentido evangélico. Uma das grandes descobertas destes últimos anos tem sido o potencial evangelizador dos pobres⁽⁶⁾, já que em sua vida simples se revelam valores que impulsionam todos à conversão, como sejam: solidariedade, serviço, simplicidade e disponibilidade para acolher o dom de Deus.

a figura de Maria chama incessantemente à verdadeira evangelização dos pobres.

Nessa situação de graça e de pecado em nossa Igreja, a figura de Maria chama incessantemente à verdadeira evangelização dos pobres. É que a maternidade virginal de Maria está indissoluvelmente unida à pobreza e convida a Igreja a trilhar o mesmo caminho. Enquanto no mundo predomina o amor erótico que impulsiona na busca dos ideais de beleza, poder e harmonia, o amor maternal de Maria se move na linha do ágape evangélico, que é a auto-entrega para proteger os pobres e os necessitados.⁽⁷⁾

Por isso a Igreja, como Maria, não poderá ser fiel a sua missão sem uma estreita vinculação com o mundo de pobreza. Ela é a guia na tarefa da evangelização libertadora. Sua ação constitui-se fundamentalmente em conviver com os pobres e sentir-se estreitamente vinculada às suas angústias, esperanças e projetos.

Conclusão

A imagem que se tem de Maria a partir do Magnificat não é a de uma mulher passivamente submissa. É a mulher forte e corajosa que invoca a justiça de Deus sobre os opressores dos pobres. É uma mulher comprometida e que, consequentemente, toma partido. Deus não luta de ambos os lados. Deus e Maria se colocam do lado daqueles cuja dignidade tem que ser recuperada e cuja justiça tem que ser realizada. Somente assim se antecipa e se historiza o Reino de Deus neste mundo. Muito embora, Maria nem sempre assim foi vista e acolhida na história. Na América Latina, a passagem de uma configuração de Maria conquistadora para Maria Libertadora foi um processo longo e ambíguo. Maria, antes de ser a Mãe Libertadora dos

oprimidos, a partir de um Magnificat hermeneuticamente atualizado pela caminhada libertadora dos pobres, foi apresentada como "conquistadora" pelos colonizadores, nomeada general de exército nas lutas pela independência e, por fim, acolhida como "Nossa Mãe" pelos vencidos dentro das próprias colônias. É uma mãe vivida no conflito.

Maria, portanto, aceita como inevitável o conflito histórico. A reconciliação, para ser verdadeira, precisa passar pelo processo de conversão que gera conflitos. Mas a conflitividade histórica não ofusca os horizontes da esperança e nem obscurece a presença da alegria. Não deixa de ser desafiante o fato de Maria cantar e exultar jubilosamente, apesar das contradições sociais manifestas em seu hino. O conflito não é ontologizado⁽¹⁰⁾, é tomado em sua expressão histórica como concretização dos divergentes interesses humanos, uns contradizendo o projeto de Deus sobre o mundo, outros colocando-se ao seu serviço; uns realizando o pecado, outros, a graça.

Nesse sentido, caminham na Igreja os nossos povos oprimidos. A imitação da humilhação de Maria, carecem a força política e econômica para a sua libertação e, por isso, alegremente põem sua esperança no Senhor. Cada vez mais, a partir do Magnificat, a libertação é vista como fruto da conversão pessoal, sim, mas que necessariamente passa pela erradicação do pecado social, pela mudança das estruturas e que só poderá ser alcançada fraternalmente na história, em sua dimensão imanente e transcendente.

Por isso, os cristãos que se colocam no seguimento de Jesus não poderão fugir das contradições da sociedade. Não lhes cabe uma pretensa neutralidade, porque tal posição mascararia uma opção em favor dos poderosos deste mundo, sobre os quais Maria invocou a manifestação do poder do braço divino.

Notas

- (1) Cf. DP 461; e também AUTRAN, Aleixo — *Maria, Mãe do Povo de Deus na América Latina* — in *Convergência* 117 (1978) p. 538-547.
- (2) Cf. DORADO, Antônio González — *De la Maria conquistadora a la Maria Libertadora — Ensayo sobre mariología popular latinoamericana* — in *Medellín* 45 (1986) XII p. 3-63.
- (3) *Ibidem*, p. 51.
- (4) Cf. BOFF, Leonardo — *Maria, mulher profética e libertadora* — in *REB* 38 (1978) 149 p. 59-72; e também BINGEMER, M.C.L. — *Maria a que soube dizer não* — in *Grande Sinal* XL (1986) p. 245-256.
- (5) Cf. BOFF, Leonardo — *op. cit.* p. 66.
- (6) Cf. PEREIRA, Ney Brasil — *Humildade ou humilhação de Maria, em Lc 1,48?* — in *Revista de Cultura Bíblica*, n.º 39-40, 1986, p. 38-54.
- (7) Cf. BOFF, Leonardo — *op. cit.* p. 69.
- (8) Cf. DP 1147; e também ELZONDO, Virgil — *Maria e os pobres, modelo de ecumenismo evangelizador* — in *Concilium* 188 (1983) p. 998-1006.
- (9) Cf. IDÍGORAS, José Luís — *Maria y la Iglesia, Maria mujer y pobre, arquetipo de la Iglesia, Feminina y pobre* — in *Medellín* 32 (1982) VIII p. 466.
- (10) Cf. BOFF, Leonardo — *op. cit.* p. 70.